

DISCREPÂNCIA DE PREÇOS

Levantamento do Estado de Minas mostra que valor praticado por postos em regiões carentes de Minas é maior que aquele cobrado em cidades de maior IDH. Explicação está na logística

Diferença social até na bomba de combustível



Em São João das Missões, uma das localidades mais pobres do estado, no Vale do Jequitinhonha, moradores pagam R\$ 7,99 por litro de gasolina



Em Nova Lima, município mineiro com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a gasolina é encontrada a R\$ 7,599

Luiz Ribeiro

N o recente aumento do preço da gasolina (média de 18,8%) — que, segundo a Petrobras, teve como uma das causas o impacto, no mercado internacional, da invasão da Ucrânia pela Rússia —, os moradores dos municípios mais pobres e isolados de Minas Gerais, situados no Norte do estado e no Vale do Jequitinhonha, estão pagando mais caro do que a população de Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), município mineiro com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), de 0,813.

Com 97,3 mil habitantes, Nova Lima tem Produto Bruto Interno Bruto (PIB) per capita anual de R\$ 124.987,23, quase 20 vezes o PIB de São João das Missões, que é de R\$ 6.428,57, cidade do Norte de Minas que tem o menor IDH do estado: 0,529. No entanto, a população de São João das Missões (11,8 mil moradores, 70% indígenas xacriabá) está pagando 40 centavos a mais por litro de combustível (R\$ 7,99) do que os mais bem estruturados moradores de Nova Lima, onde o litro do produto pode ser encontrado a R\$ 7,599 na bomba.

Ao longo da semana passada, a reportagem do Estado de Minas levantou o preço do combustível na bomba em outros nove municípios do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha. Em todos, foram verificadas a discrepância e a penalização dos mais pobres. Dos lugares pesquisados, a cidade com a gasolina mais cara é Coronel Murta.

A cidade tem duas revendas de combustíveis: em uma delas, a gasolina a está custando R\$ 8,59 o litro; na outra, R\$ 8,49 o litro, praticamente R\$ 1 a mais do que o valor do combustível (R\$ 7,48) encontrado em postos de Belo Horizonte — que tem o segundo maior IDH de Minas (0,810) e PIB per capita anual de R\$ 38.695,31.

A professora Vânia Vilas Boas, coordenadora do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), afirma que moradores dos pequenos municípios de regiões carentes como o Norte de Minas e o Vale do Jequitinhonha pagam mais caro pelos com-

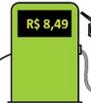
QUEM PODE MENOS, PAGA MAIS

Confira o preço da gasolina em cidades mineiras

Em municípios de menor renda



- **São João das Missões** (menor IDH de Minas – PNLD/2010)
 - Localização: Norte de Minas, 687 km de BH
 - IDH: 0,529
 - População: 11,8 mil habitantes
 - Renda média mensal: 1,7 salário mínimo
 - PIB per capita anual: R\$ 6.428,57



- **Coronel Murta**
 - Localização: Vale do Jequitinhonha, 591 km de BH
 - IDH: 0,527
 - População: 9,2 mil habitantes
 - Renda média mensal: R\$ 1.348 mil
 - PIB per capita anual: R\$ 8.993,35



- **Araçuaí**
 - Localização: Vale do Jequitinhonha/600 km de BH
 - IDH: 0,663
 - População: 37,7 mil habitantes
 - Renda média mensal: 1,6 salário mínimo
 - PIB per capita anual: R\$ 12.588,17



- **Berilo**
 - Localização: Vale do Jequitinhonha/557 km de BH
 - IDH: 0,628
 - População: 11,8 mil habitantes
 - Renda média mensal: Não disponível
 - PIB per capita anual: R\$ 8.652,17



- **Belo Horizonte**
 - IDH: 0,810
 - População: 2,53 milhões de habitantes
 - Renda média mensal: 3,4 salários mínimos
 - PIB per capita anual: R\$ 38.695,31



- **Nova Lima** (maior IDH de Minas – PNLD/2010)
 - Localização: Região Central/Grande BH
 - IDH: 0,813
 - População: 97,37 mil habitantes
 - Renda média mensal: 3,3 salários mínimos
 - PIB per capita anual: R\$ 124.987,23

Nas cidades mais ricas

combustíveis por causa do chamado "custo logístico".

Por estarem distantes das refinarias, a despesa com transporte fica maior. As cidades das duas regiões, na grande maioria, estão situadas a mais de 500 quilômetros da Refinaria Gabriel Passos (Rogap), em Betim, na RMBH.

"Temos o impacto do custo logístico, que é o custo do transporte dos derivados de petróleo da refinaria até a bomba no posto. Soma-se a isso a questão que

em Minas Gerais temos uma das maiores tributações sobre gasolina, de 31%, a segunda maior do Brasil, perdendo apenas para o Rio de Janeiro (34%). Isso faz com que o preço dos combustíveis seja mais alto nessas regiões, que são áreas onde a população tem poder aquisitivo mais baixo, em decorrência das (fracas) atividades econômicas de seus municípios", observa a economista.

Segundo Vânia Vilas Boas, o aumento do valor dos derivados

de petróleo em efeito cascata impacta na disparada dos preços de outros produtos básicos. "Quando há aumento da gasolina, em efeito cascata, de influência nos custos em praticamente todos os setores da economia. Essa pressão do reajuste dos combustíveis é sentida em dobro pelo trabalhador/consumidor, principalmente nas regiões interiores", assegura a coordenadora do IPC/Unimontes.

"O aumento da gasolina pesa não apenas na hora em que o

consumidor vai encher o tanque, mas também no frete, nas passagens e em todos os produtos e alimentos que chegam às pequenas localidades, que não possuem produção própria suficiente para atender suas demandas", completa.

DESLOCAMENTOS Os moradores dos pequenos municípios têm mais despesas com transporte porque precisam sempre se deslocar para tratamentos de saúde ou procurar atendimen-

SAIBA MAIS

O QUE É O IDH

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD/ONU) e é baseado nos indicadores de educação, saúde e renda de países, estados e municípios. O item educação considera os anos de estudos dos habitantes. Na saúde, é levada em conta a expectativa de vida. O mesmo índice mede o rendimento médio dos moradores, avaliando o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de toda a riqueza produzida em determinado período.

to bancário, não existentes onde vivem. Essa situação é verificada em São João das Missões, onde o aumento da gasolina tem impacto maior ainda porque mais de 70% da população pertence à tribo indígena xacriabá e reside na zona rural, em 32 aldeias que ocupam 70% do território do município.

Os indígenas acabam necessitando de constantes deslocamentos até a cidade, para tratamento médico, receber benefícios ou cuidar de compromissos pessoais.

As pessoas estão reduzindo as viagens por causa do preço da gasolina, que subiu demais enquanto a renda da população continua baixa. "Ninguém aguenta isso", afirma Adimar Seixas de Lima, supervisor da Secretaria Municipal de Cultura e Assuntos Indígenas de São João das Missões.

Adimar pertence à etnia xacriabá. Ele disse que é um dos "penalizados" com o aumento da gasolina, pois tem que pagar praticamente R\$ 8 pelo litro e de três a quatro vezes por semana, precisa se deslocar até a sede do município, distante 60 quilômetros da aldeia Sumaré 1, onde mora.

"As coisas estão desenfreadas. Quando o preço da gasolina sobe e o salário não acompanha, traz um sacrifício para todo mundo. Para mim, é abuso de poder do governo", reclama o morador de São João das Missões, lembrando que sempre luta em defesa em direitos dos povos indígenas.

Fonte: IPECE/Minas, 2019 (postos de combustíveis)

■ DISCREPÂNCIA DE PREÇOS

Movimento de veículos motorizados nas cidades mais carentes de Minas Gerais diminuiu, com moradores buscando meios alternativos para tornar os deslocamentos menos onerosos

No lugar do carro, bicicleta e até cavalo

Luz Ribeiro

Em Bonito de Minas, de 11,5 mil habitantes, município do norte-mineiro que tem o terceiro pior IDH (0,537) do estado, depois do último reajuste a gasolina está sendo vendida a R\$ 7,85. O valor impôs sacrifícios à população da cidade, onde a renda média dos trabalhadores é de 1,6 salário mínimo e a renda per capita anual chega a R\$ 7.204,87, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

Com o aumento da gasolina, moradores da cidade estão deixando de andar de veículos motorizados. "O movimento de veículos na cidade diminuiu bastante. O pessoal passou a andar mais de bicicleta. A gente também percebe que muitas pessoas voltaram a andar a cavalo", descreve Milqueias Mota Figueiredo, assistente social, servidor público e vereador em Bonito de Minas.

Segundo Milqueias, o reajuste dos combustíveis, por impactar vários setores da economia, provocou "mudanças drásticas" na vida da população da cidade. "O impacto do aumento da gasolina em um município carente como o nosso é muito grande. Por causa do aumento do custo de vida, as famílias acabam deixando de fazer coisas que faziam antes, como frequentar os bares. O lazer diminuiu bastante. O consumo de carne também caiu", constata.

Morador de Bonito de Minas, Valdivino Carneiro Araújo sente na pele os efeitos da alta dos combustíveis, ao mesmo tempo que acompanha o impacto do reajuste na vida de seus conterrâneos. Ele trabalha com transporte na cidade e leva passageiros até Januária (a 51 quilômetros de Bonito de Minas), para compras, tratamento de saúde, atendimento bancário ou outras atividades no município mais desenvolvido.

O motorista disse que, com o último reajuste dos combustíveis, aumentou de R\$ 20 para R\$ 25 o valor cobrado por passageiro no trecho Bonito de Minas/Januária. "Do jeito que a gasolina está cara, estou pagando para trabalhar. Mas, se aumentar o preço da viagem para R\$ 30, as pessoas não conseguem pagar, pois o povo daqui ganha, em média, um salário mínimo por mês", afirma Valdivino, cuja grande maioria da clientela é formada por aposentados da zona rural e beneficiários de

programas de distribuição de renda do governo, as principais fontes que movimentam a renda dos pequenos municípios do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha.

No Norte do estado, o quadro se repete em Santa Cruz de Salinas, de 4.074 mil habitantes e IDH de 0,577, que está entre os 32 mais pobres de Minas Gerais. O litro da gasolina na cidade chegou a R\$ 7,99. A alta no preço atinge pessoas como o motorista Ronei Neres Alves. Ele transporta os moradores que vão até Salinas (100 quilômetros de Santa Cruz) à procura de consultas e exames médicos, saques bancários e outros serviços não existentes no pequeno município onde reside.

Ronei revela que, com as mudanças de preço na bomba do posto, suas despesas com combustíveis dobraram em um semestre. "Há seis meses, eu abastecia o carro com R\$ 60 de gasolina e dava para fazer a viagem de ida e volta de Santa Cruz a Salinas. Agora, gasto R\$ 120 pra ir e voltar. Estamos pagando para trabalhar", reclama o motorista, que cobra R\$ 50 do passageiro pelo deslocamento.

Na mesma região, em Cristália (5,9 mil habitantes e com IDH de 0,583), a gasolina está mais em conta do que em Santa Cruz de Salinas, sendo vendida a R\$ 7,80. Mas o preço pesa muito no bolso dos moradores, como constata o assistente social Mailson Pereira Chaves, da prefeitura da cidade. "O problema é que o aumento dos combustíveis eleva o custo de vida. O impacto é maior ainda em um lugar como Cristália, de baixo IDH e pouca renda. As pessoas estão deixando de comer carne para consumir alimentos mais baratos como frango e macarrão", relata Mailson.

Ainda no Norte de Minas, na pequena Ibiracatu (5,4 mil habitantes), o litro da gasolina também chegou na casa dos R\$ 8 (R\$ 7,98). O aumento no preço complicou a vida de moradores como Hiane Rodrigues Magalhães. Ele mora a oito quilômetros da sede urbana, para onde se desloca diariamente de carro para trabalhar como servidor público.

De uma hora outra, Hiane viu sua despesa com o próprio transporte quase dobrar. "Antes, eu gastava R\$ 10 por dia de gasolina para ir e voltar do trabalho. Agora, o custo passou para R\$ 18", relata, lembrando que o aumento dos combustíveis impactou a vida de todos os produtores rurais do município, historicamente castigado pela seca



Em Santa Cruz de Salinas, de pouco mais de 4 mil habitantes, no Norte de Minas, gasolina chega perto dos R\$ 8

ENQUANTO ISSO...

...DONO DE POSTO TAMBÉM RECLAMA



A disparada no preço dos derivados de petróleo também traz dificuldades para os donos de postos de combustíveis nos municípios de baixa renda. A reclamação é de Gilvan Domingos Almeida, que administra um posto em Botumirim (foto), cidade do Norte de Minas que tem 6,25 mil habitantes e IDH de 0,602. Depois do último reajuste da Petrobras, o litro de gasolina está sendo vendido a R\$ 7,79 na localidade. "Estamos trabalhando no limite. Na verdade, a gente teria de colocar um preço maior para cobrir os custos de frete e ter algum lucro. Mas, se fixar um

valor maior, a população da cidade deixa de abastecer pela falta de condição a fimancieira", argumenta Gilvan. Ele reclama que os donos de postos de lugares como Botumirim – distante 590 quilômetros de Betim, onde fica a Refinaria Gabriel Passos – pagam muito mais pelo frete, que também ficou mais alto devido ao próprio reajuste dos combustíveis: "Para o transporte de Betim até Botumirim, a gente paga R\$ 0,40 pelo litro de gasolina. O custo do próprio reajuste dos combustíveis: "Para o transporte de Betim até Montes Claros (cidade polo da região, distante 432 quilômetros) é de R\$ 0,22 por litro de combustível".



Moradores sofrem com o valor exorbitante na bomba: R\$ 8,49 é o preço mais em conta da gasolina em Coronel Murta

A gasolina mais cara de Minas

Coronel Murta (9,2 mil habitantes), cujo IDH é de 0,627, foi o município de baixa renda do Vale do Jequitinhonha onde a reportagem do EM encontrou o preço da gasolina mais alto: em um posto a R\$ 8,49. R\$ 1 a mais do que valor encontrado em Belo Horizonte, e em outro, a R\$ 8,59.

Como ocorre em outros municípios desprovidos de infraestrutura, os moradores de Coronel Murta sofrem mais ainda as consequências da carestia da gasolina pela maior necessidade de recorrer ao transporte, tendo que se deslocar à cidade mais próxima que tenha atendimento de saúde, bancos e outros serviços – no caso Araçuaí (45 quilômetros de distância). Como no pequeno município não tem banco, os moradores precisam ir até Araçuaí para fazer saques, pagamentos e outras operações.

Moradora de Coronel Murta, a professora Maria Pereira precisa sempre ir a Araçuaí para levar o filho para tratamento médico. Ela paga o serviço a um motoris-

tante de táxi. "Depois do aumento da gasolina, o preço cobrado passou para R\$ 20 por passageiro. Como são duas pessoas, estou pagando R\$ 80 em cada viagem (ida e volta). Ficou muito pesado", lamenta a professora.

Ela reclama que o reajuste do preço da gasolina levou ao aumento do custo de vida dos moradores da cidade. "O município não produz quase nada. Agora, vai subir o preço do arroz, do feijão... De todos os produtos industrializados que vêm de fora", considera Maria Pereira.

Também morador de Coronel Murta, o produtor rural Vanderlei Neres dos Santos, de 52 anos, conta que, para completar a renda, faz fretes para a zona rural do município em uma caminhonete. "Com a alta dos combustíveis, nem sei se vai dar para ganhar mais alguma coisa", lamenta.

Vanderlei conta que sempre plantou uma rocinha de milho e feijão no seu quintão de terra na zona rural do município. Du-

rante anos seguidos, sofreu com a seca. "Era só chegar a época do milho "embonecar" (vingar) e o feijão florescer que vinha o sol e destruía tudo", comenta. Com as chuvas de dezembro e janeiro, ele ficou satisfeito com a colheita nas lavouras, alegria que foi interrompida com os efeitos da "carestia" dos combustíveis. "Esse aumento veio na hora errada", reclama o produtor rural.

Outro morador de Coronel Murta que protesta contra a disparada no preço da gasolina é Silvio Pereira Neres Vieira, que ganha a vida com a renda do serviço de transporte da cidade até Araçuaí, cobrando, atualmente, R\$ 20 por passageiro – antes era R\$ 15.

Ele afirma que, com a gasolina na cidade vendida a R\$ 8,49 e a R\$ 8,59 o litro, não está recomendando rodar. "O que gente recebe não paga os custos do combustível", diz Silvio, alegando não ter como aumentar mais o valor do freteamento porque sua clientela é formada, em

sua maioria, por aposentados que recebem um salário mínimo por mês.

Em Araçuaí (de 37,7 mil habitantes e IDH de 0,663), o preço do litro da gasolina na bomba está R\$ 8,059.

PROMOÇÃO Ainda no Vale do Jequitinhonha, no distrito de Livélida, no município de Berilo (11,8 mil habitantes, IDH de 0,628), a gasolina está sendo vendida a R\$ 8,299. Mas já esteve mais cara, no dia posterior ao último reajuste da Petrobras, a R\$ 8,50 o litro – e "baixou" em uma "promoção" do posto.

Moradora de Livélida, a comerciante Rosemarie Dias de Barros disse estar preocupada com o reajuste, pois, duas vezes por semana, precisa ir até Araçuaí (a 50 quilômetros da localidade) para ressuprir aulas em uma faculdade particular. "Ainda não fiz os cálculos, mas depois deste aumento da gasolina a viagem vai ficar muito cara", afirma Rosemarie.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia **Página:** 8 e 9